

Sarney admite: moratória foi o “maior erro” do seu governo

BRÁSILIA
AGÊNCIA ESTADO

O Tesouro norte-americano decidiu apoiar a negociação da dívida externa brasileira, cujos termos estarão definitivamente acertados dentro de quatro a seis semanas, segundo anunciou o ministro Mafíson da Nóbrega, da Fazenda, durante a reunião ministerial realizada segunda-feira, no Palácio do Planalto. O tema da dívida externa tomou longo tempo da reunião, e arrancou um diagnóstico e um “mea culpa” do presidente José Sarney: “A moratória da dívida externa foi o maior erro que nós já cometemos” — reconheceu o presidente.

O desabafo do presidente foi feito após uma ampla exposição feita pelo ministro da Fazenda, detalhando os prejuízos que a moratória trouxe ao País, tanto do ponto de vista técnico, pelo pagamento de **spreads** (taxas de risco) maiores, principalmente nas linhas de curto prazo, como do ponto de vista político, uma vez que a medida, segundo a avaliação feita pelo ministro da Fazenda, difundiu um enorme descrédito no governo brasileiro por parte da comunidade financeira internacional, “arranhando” a imagem do País, que era considerado um bom pagador.

Mafíson demonstrou, contudo, muito otimismo com relação às perspectivas de uma negociação da dívida externa do País com os credores privados e com os organismos oficiais.

O ministro da Fazenda foi insistentemente interpelado pelo ministro da Cultura, Celso Furtado, que demonstrava temores com relação ao pagamento dos juros da dívida externa referentes ao mês de janeiro, de US\$ 350 milhões, diante dos baixos níveis das reservas internacionais do País.

Mafíson respondeu que foi um gesto de boa vontade do governo brasileiro, que tem o maior interesse em concluir as negociações, este pagamento simbólico foi da maior importância, segundo disse o ministro, para sensibilizar as autoridades

do Tesouro norte-americano, dispostas, após o gesto brasileiro, a apoiar firmemente a negociação.

O presidente reconheceu que a moratória foi um grave erro cometido pelo seu governo, por uma má avaliação feita pelo então ministro da Fazenda (Dílson Funaro). Esta avaliação atribuía à moratória o poder de recompor as reservas externas do País, fortalecer o poder de barganha do Brasil junto aos bancos privados estrangeiros e somar internamente forças políticas em torno do presidente. As três previsões, contudo, não se cumpriram.



Mafíson: Tesouro dos EUA vai apoiar